

REVISTA: Revista de Cultura Vozes nº 9
DATA: Novembro de 1970
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Opinião 65 (trechos)
AUTOR: Ceres Franco

OPINIÃO 65 (TRECHOS)

Opinião 65 é uma exposição de ruptura. Ruptura com uma arte do passado. O exemplo vitorioso da pop-art americana e as realizações do novo-realismo europeu encontraram eco no jovem artista de vanguarda e encorajaram-no a contestar a famosa afirmação de Maurice Denis, sobre a qual se baseou a pintura abstrata, relegando esta à história.

Se a vanguarda artística mundial derruba assim os conceitos fixados durante tantos anos numa estética cômoda, é porque o artista, hoje, desempenhando um papel novo na sociedade, não aceita o tributo de uma tradição plástica caduca. A jovem pintura pretende ser independente, polêmica, inventiva, denunciadora, crítica, social, moral. Ela se inspira tanto na natureza urbana imediata como na própria vida com seu culto diário de mitos.

Rubens Gerchman, inspirando-se na fotografia, assume o panfleto para encarar o problema do homem de rua, sugerindo-nos com a pose desajeitada dos jogadores de futebol os heróis de uma multidão em delírio.

Antônio Dias, esse jovem paraibano de vinte e um anos, nos propõe com seus quadros de assemblage uma transfiguração do mundo obsessional de sua infância, onde o sexo e o sangue se mesclam num grande escárnio. Sua técnica tem o vigor do cartaz e o equilíbrio das melhores construções cubistas. Ivan Freitas capta o tempo, deixando-nos como que gravada na retina a imagem meio-abstrata da sedução noturna das cidades desertas, com seus grandes planos de ruas iluminadas

de reflexos coloridos.

Hélio Oiticica, fantasista com seus parangolês, cria uma arte tridimensional de participação, inspirada na tradição do folclôre musical dos subúrbios cariocas. Pedro Escosteguy constrói escrupulosamente o circo, cujo maior espetáculo ninguém terá tempo de ver — a explosão da bomba atômica. Seu relêvo pintado em preto, com dizeres irônicos, tem o peso de uma profecia trágica e ameaçadora.

Ivan Serpa e Waldemar Cordeiro guardam vestígios, nos seus trabalhos atuais, de uma experiência de arte concreta. O primeiro controla sobre a tela os elementos figurativos de seu semantismo lírico numa misê-en-page construída, geométrica. O segundo, num delírio barroco, se apodera dos objetos cotidianos, transformando-os, cortando-os implacavelmente com o serrote, para nos revelar, através da linha reta, o segredo desses mesmos objetos.

Gastão Manoel Henrique aprisiona nos seus objetos um espaço sagrado, consequência de seus relevos anteriores.

Vergara, esse jovem pintor gaúcho revelado no último Salão Nacional de Arte Moderna, responde com seu general, preso entre o frafismo e a matéria, aos desenhos sobre o mesmo tema do argentino Vañarsky. Ambos fascinados pelos heróis de nossa tumultuosa sociedade.

Numa tentativa de moralização, a jovem pintura acusa e defende o homem, simultaneamente (...) com José Roberto Aguilar e grito profundo e contorsão; um herói de selo de carta, com Roberto Magalhães (...).